



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

\* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho \*

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

End. teleg. Talhava — Lisboa • Telephone: 7

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## O ESPÍRITO REVOLUCIONÁRIO

C. G. T.

NOTAS &amp; COMENTARIOS

## Conselho Federal

Prosseguiu anteontem a sessão do Conselho Federal, sob a presidência do camarada Alberto Monteiro.

No expediente foram lidos ofícios da U. S. O. de Beja, relativos ao encerramento da Associação dos Marítimos e prisão do camarada Faxella; da Associação Téxtil da Covilhã, que tratava de questões sobre organização operária e propaganda e da Confederação Espanhola do Trabalho, sobre assuntos internacionais, aos quais foi dado o respectivo despacho.

Foi lida a exposição que deve ser apresentada ao presidente do ministério sobre várias reclamações que já lhe foram formuladas e ainda do que consta das perseguições que se estão fazendo em Olhão, a qual foi aprovada.

No relatório foi destacado o capítulo que tratava do Conselho Jurídico, por ser uma questão que também demandava resolução imediata.

Por vários delegados foram apresentadas diversas razões e factos, sendo, por proposta do secretário geral, nomeada uma comissão com o duplo fim de recompor aquele Conselho e de apresentar brevemente um parecer sobre as modificações que o mesmo Conselho deve sofrer de modo que satisfaga as necessidades de harmonia com as funções que lhe são destinadas.

Essa comissão, que ficará sendo o Conselho Jurídico, ficou composta dos camaradas Carlos Augusto Rodrigues, Alfredo Pinto, Alexandre dos Santos, Alberto Monteiro e Júlio de Matos.

O secretário geral informou o Conselho sobre o andamento dos trabalhos relativos à Casa dos Trabalhadores, resolvendo o Conselho que a comissão de que ele faz parte continue com os trabalhos encetados.

Hoje volta o Conselho Federal a reunião, entrando imediatamente em discussão a questão relativa à situação dos Sindicatos Nacionais.

## Kieff em poder dos russos?

E os bolchevistas que são bárbaros...

LONDRES, 15.—Uma nota bolchevista anuncia a tomada de Kieff. Diz essa nota rádio-telegráfica que antes da evacuação da cidade, os polacos fizeram peles ares a catedral, as fábricas de electricidade e o aqueduto.

A destruição do aqueduto tem sido condenada por toda a população, cujas 700.000 almas sofrem os horrores da epidemia. —Rádio.

## Entre a Finlândia e a Suécia

Está uma nova guerra à porta?

COPENHAGUE, 15.—O tom ameaçador das notas trocadas ultimamente entre a Finlândia e a Suécia torna a situação muito delicada.

A ocupação das Ilhas Åland pelos exércitos finlandeses é já um facto consumado.

Estão reservadas grandes surpresas.

dial da revolução. Esta será fatal, historicamente fatal. E não são telegramas forjados em qualquer ministério estrangeiro, não serão algumas palavras mentirosas que destruirão a verdade revolucionária.

A revolução está em marcha, senhores conservadores. Nada vos salvará, nada!

—Inteligencia vasta... vasta demais... demasiado generoso... ventura e desventura... quantas lutas! quanto luto!

A moça, que sorriu, incrédula, às primeiras palavras, já não sortiu agarra. A seu pesar, impressionou-a as palavras da gitana e meio oprimida que ela perguntou:

—Não vedes mais nada?

A Gitarra abre a boca para responder, mas detém-se e abana a cabeça tristemente.

—Vamos, falai! diz Maria com alguma impaciência. Quizestes dizer o meu destino...

—Fiz mal, confessa a velha.

—Tanto pior! Agora, tendes que acabar.

—Pois então... pois então... um amor trágico... o mundo em convulsão em volta de vós... a glória e a dor.

E, para escapar decretou a novas preguinhas, a cigana desapareceu no silêncio, deixando Maria Pacheco interditada e pensativa ante aquela ameaçadora visão do futuro.

—Pecado! exclama a gitana. Para que foi então que Deus pôs linhas na mão dos mortos, se não foi para eles poderem adivinhar o seu futuro?

—Obrigada, disse Maria rindo. Não creio nessas fábulas e é até pecado acreditar nisso.

—Pecado! exclama a gitana. Para que foi então que Deus pôs linhas na mão dos mortos, se não foi para eles poderem adivinhar o seu futuro?

Maria já não resiste e escuta a Gitarra, que examina as linhas proféticas e murmura devagar:

Nessa noite, no castelo de Santafiorino, havia festa, ou antigas orgias, porque com o tilintar dos copos mesclavam-se vozes, gritos e cantos cujas palavras feziam feito corar um velho soldado.

—Inteligencia vasta... vasta demais... demasiado generoso... ventura e desventura... quantas lutas! quanto luto!

A moça, que sorriu, incrédula, às primeiras palavras, já não sortiu agarra. A seu pesar, impressionou-a as palavras da gitana e meio oprimida que ela perguntou:

—Não vedes mais nada?

A Gitarra abre a boca para responder, mas detém-se e abana a cabeça tristemente.

—Vamos, falai! diz Maria com alguma impaciência. Quizestes dizer o meu destino...

—Fiz mal, confessa a velha.

—Tanto pior! Agora, tendes que acabar.

—Pois então... pois então... um amor trágico... o mundo em convulsão em volta de vós... a glória e a dor.

E, para escapar decretou a novas preguinhas, a cigana desapareceu no silêncio, deixando Maria Pacheco interditada e pensativa ante aquela ameaçadora visão do futuro.

—Pecado! exclama a gitana. Para que foi então que Deus pôs linhas na mão dos mortos, se não foi para eles poderem adivinhar o seu futuro?

—Obrigada, disse Maria rindo. Não creio nessas fábulas e é até pecado acreditar nisso.

—Pecado! exclama a gitana. Para que foi então que Deus pôs linhas na mão dos mortos, se não foi para eles poderem adivinhar o seu futuro?

Maria já não resiste e escuta a Gitarra, que examina as linhas proféticas e murmura devagar:

Nessa noite, no castelo de Santafiorino, havia festa, ou antigas orgias, porque com o tilintar dos copos mesclavam-se vozes, gritos e cantos cujas palavras feziam feito corar um velho soldado.

—Inteligencia vasta... vasta demais... demasiado generoso... ventura e desventura... quantas lutas! quanto luto!

A moça, que sorriu, incrédula, às primeiras palavras, já não sortiu agarra. A seu pesar, impressionou-a as palavras da gitana e meio oprimida que ela perguntou:

—Não vedes mais nada?

A Gitarra abre a boca para responder, mas detém-se e abana a cabeça tristemente.

—Vamos, falai! diz Maria com alguma impaciência. Quizestes dizer o meu destino...

—Fiz mal, confessa a velha.

—Tanto pior! Agora, tendes que acabar.

—Pois então... pois então... um amor trágico... o mundo em convulsão em volta de vós... a glória e a dor.

E, para escapar decretou a novas preguinhas, a cigana desapareceu no silêncio, deixando Maria Pacheco interditada e pensativa ante aquela ameaçadora visão do futuro.

—Pecado! exclama a gitana. Para que foi então que Deus pôs linhas na mão dos mortos, se não foi para eles poderem adivinhar o seu futuro?

—Obrigada, disse Maria rindo. Não creio nessas fábulas e é até pecado acreditar nisso.

—Pecado! exclama a gitana. Para que foi então que Deus pôs linhas na mão dos mortos, se não foi para eles poderem adivinhar o seu futuro?

Maria já não resiste e escuta a Gitarra, que examina as linhas proféticas e murmura devagar:

Nessa noite, no castelo de Santafiorino, havia festa, ou antigas orgias, porque com o tilintar dos copos mesclavam-se vozes, gritos e cantos cujas palavras feziam feito corar um velho soldado.

—Inteligencia vasta... vasta demais... demasiado generoso... ventura e desventura... quantas lutas! quanto luto!

A moça, que sorriu, incrédula, às primeiras palavras, já não sortiu agarra. A seu pesar, impressionou-a as palavras da gitana e meio oprimida que ela perguntou:

—Não vedes mais nada?

A Gitarra abre a boca para responder, mas detém-se e abana a cabeça tristemente.

—Vamos, falai! diz Maria com alguma impaciência. Quizestes dizer o meu destino...

—Fiz mal, confessa a velha.

—Tanto pior! Agora, tendes que acabar.

—Pois então... pois então... um amor trágico... o mundo em convulsão em volta de vós... a glória e a dor.

E, para escapar decretou a novas preguinhas, a cigana desapareceu no silêncio, deixando Maria Pacheco interditada e pensativa ante aquela ameaçadora visão do futuro.

—Pecado! exclama a gitana. Para que foi então que Deus pôs linhas na mão dos mortos, se não foi para eles poderem adivinhar o seu futuro?

—Obrigada, disse Maria rindo. Não creio nessas fábulas e é até pecado acreditar nisso.

—Pecado! exclama a gitana. Para que foi então que Deus pôs linhas na mão dos mortos, se não foi para eles poderem adivinhar o seu futuro?

Maria já não resiste e escuta a Gitarra, que examina as linhas proféticas e murmura devagar:

Nessa noite, no castelo de Santafiorino, havia festa, ou antigas orgias, porque com o tilintar dos copos mesclavam-se vozes, gritos e cantos cujas palavras feziam feito corar um velho soldado.

—Inteligencia vasta... vasta demais... demasiado generoso... ventura e desventura... quantas lutas! quanto luto!

A moça, que sorriu, incrédula, às primeiras palavras, já não sortiu agarra. A seu pesar, impressionou-a as palavras da gitana e meio oprimida que ela perguntou:

—Não vedes mais nada?

A Gitarra abre a boca para responder, mas detém-se e abana a cabeça tristemente.

—Vamos, falai! diz Maria com alguma impaciência. Quizestes dizer o meu destino...

—Fiz mal, confessa a velha.

—Tanto pior! Agora, tendes que acabar.

—Pois então... pois então... um amor trágico... o mundo em convulsão em volta de vós... a glória e a dor.

E, para escapar decretou a novas preguinhas, a cigana desapareceu no silêncio, deixando Maria Pacheco interditada e pensativa ante aquela ameaçadora visão do futuro.

—Pecado! exclama a gitana. Para que foi então que Deus pôs linhas na mão dos mortos, se não foi para eles poderem adivinhar o seu futuro?

—Obrigada, disse Maria rindo. Não creio nessas fábulas e é até pecado acreditar nisso.

—Pecado! exclama a gitana. Para que foi então que Deus pôs linhas na mão dos mortos, se não foi para eles poderem adivinhar o seu futuro?

Maria já não resiste e escuta a Gitarra, que examina as linhas proféticas e murmura devagar:

Nessa noite, no castelo de Santafiorino, havia festa, ou antigas orgias, porque com o tilintar dos copos mesclavam-se vozes, gritos e cantos cujas palavras feziam feito corar um velho soldado.

—Inteligencia vasta... vasta demais... demasiado generoso... ventura e desventura... quantas lutas! quanto luto!

A moça, que sorriu, incrédula, às primeiras palavras, já não sortiu agarra. A seu pesar, impressionou-a as palavras da gitana e meio oprimida que ela perguntou:

—Não vedes mais nada?

A Gitarra abre a boca para responder, mas detém-se e abana a cabeça tristemente.

—Vamos, falai! diz Maria com alguma impaciência. Quizestes dizer o meu destino...

—Fiz mal, confessa a velha.

—Tanto pior! Agora, tendes que acabar.

—Pois então... pois então... um amor trágico... o mundo em convulsão em volta de vós... a glória e a dor.

E, para escapar decretou a novas preguinhas, a cigana desapareceu no silêncio, deixando Maria Pacheco interditada e pensativa ante aquela ameaçadora visão do futuro.

—Pecado! exclama a gitana. Para que foi então que Deus pôs linhas na mão dos mortos, se não foi para eles poderem adivinhar o seu futuro?

—Obrigada, disse Maria rindo. Não creio nessas fábulas e é até pecado acreditar nisso.

—Pecado! exclama a gitana. Para que foi então que Deus pôs linhas na mão dos mortos, se não foi para eles poderem adivinhar o seu futuro?

Maria já não resiste e escuta a Gitarra, que examina as linhas proféticas e murmura devagar:

Nessa noite, no castelo de Santafiorino, havia festa, ou antigas orgias, porque com o tilintar dos copos mesclavam-se vozes, gritos e cantos cujas palavras feziam feito corar um velho soldado.

—Inteligencia vasta... vasta demais... demasiado generoso... ventura e desventura... quantas lutas! quanto luto!

ARTIGOS VELHOS, IDEAS NOVAS

## FINS E MÉTODOS

Queremos fazer a revolução para destruir na sociedade todo e qualquer organismo autoritário (entendendo por organismo autoritário o que se mantém com o auxílio da força física) e para expropriar a classe capitalista e garantir a todos os trabalhadores o uso gratuito da terra, dos instrumentos de produção e de toda a riqueza acumulada gratas ao trabalho das gerações passadas.

E para que se possa realizar esta revolução, dando os frutos que dela esperamos, queremos, com a propaganda e com o exercício das lutas imediatamente possíveis, inspirar o proletariado à consciência dos seus direitos e da sua força, avivar o antagonismo de interesses e a antipatia moral entre elas e a classe possuidora e governante, mostrar a impossibilidade de se emancipar com os melhoramentos graduais e as reformas legais, e alimentar a corrente de ódios e de amores, de revolta e de fraternizações, de temores e de esperanças, de aversões e de desejos, que deve dar o resultado a formação duma força material suficiente para derribar o regime actual e duma força eficiente capaz de reconstruir a nova sociedade.

Eis o que queremos; e por isso repelimos todos as atitudes, todas as táticas que tendem a afastar e dificultar a revolução, ao passo que favorecemos tudo o que a pode aproximar e facilitar.

Interessamo-nos pelos melhoramentos que podem ser arrancados aos patrões pela ação direta do proletariado, não já porque acreditamos muito numa sua eficácia real e duradoura, mas porque exigem uma luta que põe em risco o antagonismo entre patrões e trabalhadores, desenvolve as faculdades combativas necessárias para a obra revolucionária.

Mas repudiamos todas as reformas, isto é, todos os melhoramentos, ou pretensos melhoramentos, dados pela lei, ainda que este lei seja imposta pela agitação popular. E especialmente então quando se trata de reformas que reclamam uma ação larga e metódica do Estado e o engrandecimento do seu poder, tais como as várias espécies de seguros e pensões estatais. Porque o nosso inimigo imediato, o inimigo ao qual temos que dar o nosso primeiro assalto é o Estado, o governo.

Consideramos a luta contra o Estado duma importância prática superior à própria luta contra a burguesia. Não porque ignoremos dever estar a emancipação económica na base de qualquer progresso; não porque não sabemos que, se a revolução deixasse subsistir o privilégio económico, depressa se reconstituiria o Estado para de fez desse privilégio; mas porque entendemos que, vencido o governo, bastariam as forças actuais do proletariado consciente para ajustar as contas com o patronato.

Assim, se amanhã, por hipótese inverosímil, a burguesia recusasse pagar os impostos, ainda mesmo que fossem aqueles com que o governo tivesse que pagar as indemnizações por acidentes no trabalho, nós ajudaríamos os burgueses a resistir aos exactores e aos guardas que lhes dão mão forte.

Se, em regime monárquico, a burguesia republicana fizesse um esforço para deitar abaixo o governo, nós ajudá-la-famos... como a combateríamos depois, chegado o momento de organizar o novo regime. Hoje em dia, na Itália, a maior queixa que temos contra os republicanos está no fato de eles não quererem fazer a república.

Com o parlamentarismo e o cooperativismo, fizeram-se nascer no espírito dos proletários ilusões funestas que o afastaram da ideia de que é preciso fazer a revolução. Agora que a respeito de parlamentarismo e cooperativismo já muitos abriram os olhos, seria um crime contra a revolução, contra a emancipação dos trabalhadores o começarem os revolucionários a pedir reformas estatais.

Pouco importa que uma coisa seja obtida, arrancada, com a ação directa e a agitação, se essa coisa, uma vez obtida, nos há de deixar pior do que antes. Achamos, por exemplo, que o sufrágio universal é um mal, por alargar a base do Estado e dar apariência de realidade à ilusão de que o povo se governa a si próprio—e somos contra o sufrágio universal... mesmo conquistado nas barricadas. A's barricadas só iríamos se julgássemos que delas poderia sair coisa bem diversa do sufrágio universal.

## Vida Sindical

## COMUNICAÇÕES

**União dos Sindicatos Operários.**—A comissão administrativa, que ontem reuniu, além de se ocupar de volumoso expediente, ocupou-se também da questão presentemente existente no Sindicato Único Metalúrgico, tendo nomeado um delegado, componente da mesma comissão, no intuito de conseguir pôr termo ao incidente. Tomou conhecimento, pelo secretário geral, de uma demarcação realizada pela direcção da comissão do Depósito Central de Fardamentos junto desta comissão em virtude de uma questão levantada com um dos seus delegados a este organismo, resolvendo expor essa demarcação ao conselho de delegados, visto ter sido no mesmo conselho que a questão foi levantada.

Resolvem também oficializar a alguns sindicatos sobre assuntos ainda por liquidar, sobretudo a um deles, que se manifestou na imprensa contra um delegado deste organismo nos últimos movimentos grevistas.

De outros assuntos se ocupou, como o respeitante à Casa dos Trabalhadores e condenação dos trabalhadores rurais de Fyora e dos mineiros de S. Pedro da Cova, resolvendo submetê-los ao conselho de delegados, afim de que estes sejam informados do resolvido pelo Conselho Confederal da C. G. T. Por fim resolveu-se que o conselho de delegados reúna na próxima terça-feira, em cuja reunião serão tratados estes e outros assuntos de importância para a organização local e também uma moção pendente da última reunião.

— São convidados os camaradas Francisco Viana e Raúl Baptista, delegados do Sindicato Único Metalúrgico a este organismo, a comparecerem hoje, pelas 20 horas prefixas, a uma reunião para a reorganização da respectiva associação de classe, a comparecer amanhã, quinta-feira, pelas 20 horas, na sede da federação.

**Sindicato Único Mobilário.**—Reuniu hoje, às 21 horas prefixas, a comissão administrativa deste sindicato, afim de apreciar uma moção que seria apresentada à assembleia que amanhã se realiza, referente ao funcionamento da oficina sindical dos cesteiros.

O secretário geral comunica ao camarada Francisco Campos que deve acudir a este organismo o local onde se encontra, a fim de tratar dum assunto de ordem corporativa.

Outros sim, se convide o camarada Damião Ribeiro, a comparecer hoje, sem falta, às 21 horas, na sede.

**Comissão administrativa.**—Esta comissão notifica a todos os sindicatos que amanhã se realiza a assembleia deste sindicato afim de resolver sobre o aumento da cota sindical, que passa a 20 centavos semanais.

Por ser de magna importância este assunto roga-se a todos os camaradas da sua presença, afim de para futuro não alegarem ignorância.

Outros sim, se convide o camarada Damião Ribeiro, a comparecer hoje, sem falta, às 21 horas, na sede.

**Comissão administrativa.**—Esta comissão notifica a todos os sindicatos que amanhã se realiza a assembleia deste sindicato afim de resolver sobre o aumento da cota sindical, que passa a 20 centavos semanais.

Por ser de magna importância este assunto roga-se a todos os camaradas da sua presença, afim de para futuro não alegarem ignorância.

Outros sim, se convide o camarada Damião Ribeiro, a comparecer hoje, sem falta, às 21 horas, na sede.

**Sindicato Único da Construção Civil.**—Reuniu o Conselho Federal, tratando da questão do aumento da cota confederal e federal, sendo resolvido enviar uma circular a todos os Sindicatos aderentes, demonstrando-lhes a necessidade do aumento da cota sindical, que foi proposta para que passe a 20 centavos semanais.

Em breves dias vão ser iniciadas sessões de propaganda pelos sindicatos para esse fim.

O Conselho Técnico desta Federação, afim de alargar a sua esfera de ação, vai eleger em todas as localidades onde existem os seus sindicatos, «Comissões Técnicas» para tomar conta de todos os trabalhos da Indústria.

**Sindicato Único da Construção Civil.**—Reuniu a comissão administrativa de alguns sindicados, que fazem parte de instituições políticas que mais tem hostilizado a organização operária e sobre a ação deste organismo como a oficina sindical dos cesteiros.

A mesma assembleia ocupar-se há de situação de alguns sindicados, que fazem parte de instituições políticas que mais tem hostilizado a organização operária e sobre a ação deste organismo como a oficina sindical dos cesteiros.

**Sindicato Único da Construção Civil.**—Reuniu a comissão profissional dos pedreiros, Reuniu hoje, em assembleia geral, pelas 21 horas, para apresentação de contas do ano de 1919 e outros assuntos de grande interesse para a classe, entre elas a inauguração da bandeira.

**Secção Sindical do Alto do Pina.**—São convidados todos os camaradas a reunir, em assembleia geral, que se realiza hoje, pelas 20 horas, para tratar de vários assuntos, devendo comparecer os operários do ministério do comércio, assim como os operários do Bairro Social do Arco do Cego.

Pede-se a comparsa do camarada Joaquim Cardoso e de Vitorino Eloy.

**Secção Sindical de Belém.**—Realisa-se hoje uma assembleia geral à qual comparecem delegados da comissão de melhoramentos que expondo à assembleia os trabalhos feitos pela Federação sobre tarefas nas obras do Estado.

Mais uma vez se convide os sócios que fizem acusações aos camaradas Franco, Alberto Dias, Augusto Dias e outros a comprovar essas acusações na mesma assembleia.

**Sindicato Único Metalúrgico.**—A comissão administrativa recomenda a necessidade da comparsa dos camaradas que fizeram parte dos comités da última greve à reunião de hoje às 20 horas, a fim de prestarem declarações no sentido de a facilitar a prestação das suas contas na próxima assembleia geral.

Também lembra às Comissões Administrativas das Secções o dever indeclinável de vir com os seus balanços e prestar contas de它们 own financeiro.

Atendendo à gravidade do assunto, pede-se a comparsa de todos os camaradas.

Também se previnem todos os camaradas que ainda tenham em seu poderistas de quartos de salário a virem apresentar contas dessas listas para a Comissão Administrativa ultimar as suas contas.

Devem comparecer hoje sem falta na U. S. O. os delegados do Sindicato Único Metalúrgico.

**Metalúrgicos do Município.**—Reuniu hoje, na sede deste sindicato, as 21 horas, para nomeação de delegados à grande comissão que junta da Câmara Municipal vai tratar de melhoria de situação dos operários da mesma, todos os metalúrgicos das oficinas do município.

Pessoal da Carris de Ferro. —Reuniu hoje esta classe, em assembleia magna, pelas 20 horas prefixas, para a comissão de melhoramentos apresentar os seus trabalhos e para apreciar e discutir as bases em que deve ser fundada a caixa de reformas.

**Inscritos marítimos.**—Em virtude da resposta da Companhia Nacional de Navegação não ser favorável às nossas reclamações, foi resolvido nomear-se uma comissão para se avistar com o ministro da marinha para reclamar a execução da lei das 8 horas nesta classe, que, por este motivo, se conserva em sessão permanente.

**Pessoal do Depósito Central de Fardamentos.**—Reuniu em assembleia magna para a apreciar os trabalhos da comissão de melhoramentos sobre melhoria de vencimentos. Por um dos seus membros foram expostas as demarcações realizadas, das quais resultou obterem 50 por cento do aumento pedido desde o dia 1, mas que pelos delegados da comissão administrativa de ter sobre a mesa, junto da qual estava sentado, o livro *O Sindicalismo e a greve geral*, de Briand e José Pratt, além de dois jornais, *A Batalha* e *O Século*. Como o arbitrio prossegue, não é caso para nos admirarmos, porque isto faz-se todos os dias e já ninguém tem a liberdade de possuir e ler os livros que entenda. Porém—e aqui é que está a grossa infâmia—um jornal de ontem diz que aquele indivíduo vai ser entregue ao tribunal criado para julgar indivíduos abrangidos por aquela célebre lei de exceção há pouco posto em vigor!

Mais isto é tremendo de iniquidade e de provocação!

**Descregadores de Mar e Terra.**—Reuniu hoje, às 19 horas, a assembleia geral para tratar de assuntos importantes.

**Pessoal do Município.**—Reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa, pelo motivo de que o governo não quis aumentar o salário da comissão de melhoramentos.

**Empregados Menores dos Correios e Telégrafos.**—E' convidada a classe a reunir em assembleia geral amanhã, pelas 20 horas, a fim de resolver sobre a seguinte ordem de trabalhos:

1º Nomeação dumha comissão administrativa;

2º Sobre os compromissos tomados pelo governo por ocasião da greve, e consequentemente, recondução imediata dos camaradas transferidos por motivo da mesma;

3º Reconhecimento das associações de classe.

Dado o alto interesse dos assuntos a discutir é de esperar que todos os camaradas cumpram o seu dever comparando a comparsa dos camaradas metalúrgicos e do Matadouro. Que ne-

## INACREDITÁVEL

No domingo à noite, quando se encontrava no café no 5º de Outubro, foi preso, por três polícias de segurança do Estado, Amílcar Sarmiento da Silva, empregado de escritório, pelo motivo de ter sobre a mesa, junto da qual estava sentado, o livro *O Sindicalismo e a greve geral*, de Briand e José Pratt, além de dois jornais, *A Batalha* e *O Século*. Como o arbitrio prossegue, não é caso para nos admirarmos, porque isto faz-se todos os dias e já ninguém tem a liberdade de possuir e ler os livros que entenda. Porém—e aqui é que está a grossa infâmia—um jornal de ontem diz que aquele indivíduo vai ser entregue ao tribunal criado para julgar indivíduos abrangidos por aquela célebre lei de exceção há pouco posto em vigor!

Mais isto é tremendo de iniquidade e de provocação!

## Conflito gráfico

A comissão Executiva recebeu anteontem a adesão da empresa do jornal *A Epoca* à Organização de Trabalho e Salários Mínimos, em vigor desde o dia 30 de Abril nos jornais seguintes: *Jornal do Comércio e das Colônias*, *O Tempo*, *O Popular*, *A Pátria*, *A Situação*, *A Batalha*, *O Debate*, *O Comate* e *O Radical*.

A comissão Executiva está em negociações com várias empresas jornalísticas, esperando conseguir ainda esta semana a saída doutros jornais manufacturerados pelos seus respectivos quadros, dentro da organização em vigor.

## Sociedades de Recreio

**Grupo Dramático Musical Solidariedade da Construção Civil.**—A comissão administrativa da festa a favor do camarada Arsenio José Filipe, pede aos camaradas Alvaro Ferreira Leite, António Quintino e José Vicente para comparecerem na sede do grupo no dia 14, pelas 10 horas, para este ser transferido para a próxima terça-feira, 18 de outubro.

**Italianos e albaneses**

Os italianos continuam a recuar

**Atropelamentos**

No posto da Cruz Vermelha no Terreiro do Paço receberam curativo: Manuel Paes da Silva, de 45 anos, tripulante de vapor *Deserto*, que ficou ferido no peitoral, ficando parado por um eléctrico ficando ferido no peitoral; José Inácio Rodrigues, de 45 anos, empregado no Hotel Sul Americano na rua do Arsenio foi atropelado por um eléctrico ficando ferido na cabeça; Enrico Sartori, de 30 anos, de mandarim, na Palmeira, que também na rua do Arsenio foi atropelado por um automóvel ficando ferido na cara; Alberto Fernandes, 45 anos solteiro, trabalhador e residente na Estrada das Laranjeiras, 24, que também foi atropelado por um automóvel no Parque Eduardo VII, ficando ferido na perna.

Depois de receber curativo, no posto da Cruz Vermelha da Junqueira, foi conduzido ao hospital de S. José onde ficou internado na enfermaria de São Francisco, António da Costa, 58 anos, empregado no comércio e residente na rua de Oliveira do Carmo, 63, que no posto da Junqueira foi atropelado por um automóvel ficando ferido na cara; Alberto Fernandes, 45 anos solteiro, trabalhador e residente na Estrada das Laranjeiras, 24, que também foi atropelado por um automóvel no Parque Eduardo VII, ficando ferido na perna.

Outros, que ficaram feridos, foram atropelados por um automóvel, ficando feridos e deixando numerosos prisioneiros. Em Valona foram detidos numerosos albaneses acusados de traição. O alto comando italiano manda proceder à evacuação da bairros musulmanos.

As últimas notícias anunciam que as guarnições das povoações atacadas anteriormente resistiram valentemente.

O ministro da marinha assegurou que a situação melhorou e inscreveu a partir de 16 de outubro, determinando que a maioria dos jornaiais diários em toda a Espanha é de 10 céntimos e indicando as regras para a aplicação do mesmo decreto.

**Atropelamento**

No posto da Cruz Vermelha no Terreiro do Paço receberam curativo: Manuel Paes da Silva, de 45 anos, tripulante de vapor *Deserto*, que ficou ferido no peitoral, ficando parado por um eléctrico ficando ferido no peitoral; José Inácio Rodrigues, de 45 anos, empregado no Hotel Sul Americano na rua do Arsenio foi atropelado por um eléctrico ficando ferido na cabeça; Enrico Sartori, de 30 anos, de mandarim, na Palmeira, que também na rua do Arsenio foi atropelado por um automóvel ficando ferido na cara; Alberto Fernandes, 45 anos solteiro, trabalhador e residente na Estrada das Laranjeiras, 24, que também foi atropelado por um automóvel no Parque Eduardo VII, ficando ferido na perna.

Depois de receber curativo, no posto da Cruz Vermelha da Junqueira, foi conduzido ao hospital de S. José onde ficou internado na enfermaria de São Francisco, António da Costa, 58 anos, empregado no comércio e residente na rua de Oliveira do Carmo, 63, que no posto da Junqueira foi atropelado por um automóvel ficando ferido na cara; Alberto Fernandes, 45 anos solteiro, trabalhador e residente na Estrada das Laranjeiras, 24, que também foi atropelado por um automóvel no Parque Eduardo VII, ficando ferido na perna.

Outros, que ficaram feridos, foram atropelados por um automóvel, ficando feridos e deixando numerosos prisioneiros. Em Valona foram detidos numerosos albaneses acusados de traição.

As últimas notícias anunciam que as guarnições das povoações atacadas anteriormente resistiram valentemente.

O ministro da marinha assegurou que a situação melhorou e inscreveu a partir de 16 de

CONTOS DE «A BATALHA»

QUADROS DA GUERRA

## ANTES DO ATAQUE

22.º Companhia, alerta! A' armas!

Há um silêncio... Depois, algumas ex-

clamações.

— Bem dizia eu, murmurava o Pa-

dis por entre dentes. E arrasta-se de

joelhos para a entrada da toca onde ja-

zemos.

Em seguida, as palavras detetam-se,

Todas emudeceram. Endireitamo-nos

a meio, à pressa, agitamo-nos curvados

ou ajoelhados; apertam-se cinturões;

lançam-se sombras de braços para um

lado e para o outro; metem-se coisas

nas algibeiras. E saem todos numa con-

fusão, arrastando atrás de si as mochilas

pelas correias; as cobertas, os hor-

nais.

Cá fóra, ficamos ensurdecidos: o es-

tendo do tiroteio centuplicou, e en-

volve-nos, pela esquerda, pela direita e

na nossa frente. As nossas batarias tro-

vejam sem parar.

— Achas que atacam? arriscou uma voz.

— Eu sei lá! responde outra voz, bre-

vemente, com irritação.

As mochilas estão cerradas. Cada um engole as suas reflexões. Todos se apresam, se acotovelam, andam aos encontroes, resmungando sem falar.

Propaga-se uma ordem:

— Mochila às costas!

— Há contra-ordem... grita um ofi-

cial, percorrendo a trincheira com gran-

des pernadas, dando cotovelos.

O resto da frase desaparece com el-

e. Contra-ordem! Um visível estremeci-

mento percorre as filas, uma panacea

no coração faz erguer as cabeças; retêm-

a todos numa expectativa extraordinária.

Mas não: há contra-ordem mas é

sómente quanto às mochilas. Não se

leva mochila, leva-se o coberto enro-

lado em volta do corpo, a ferramenta à

cinta.

Desafivelam-se os cobertos, arran-

cam-se, enrolam-se. Tudo ainda sem

palavras, todos como o olhar fixo, a bo-

ca como qui impetuosaamente fechada.

Os cabos e os sargentos, um pouco

febris, andam dum lado para o outro,

empurrando a pressa muda em que se

curvam os homens.

— Vamos, aviem-sel! Vamos, vamos,

que estão vocês para a fazer? Então

isso vai ou não vai?

Soldados que trazem na manga, co-

mo insignia, machados cruzados, abrem

passagem e fazem rapidamente buracos

na parede da trincheira. Olhamo-los de

sosla, em quanto nos acabamos de

equipar.

— Que estão aqueles a fazer?

— Aquilo é p'r' gente subir.

Estamos prontos. Os homens alinham-

— se, sempre calados, com o coberto a tiracolo, a presilha do capacete no queixo, apoiados sobre as espingardas. Ex-

-a-mos-lhes as faces crispadas, empalide-

-cidas, profundas.

Aquilo não são soldados: são homens. Não são aventureiros, guerreiros, feitos por aquoso humano—gado ou carneiros. São campesos e operários, que se revelam sob o uniforme. São paisanos arrancados pela razão. Estão prontos, aguardam o sinal da morte e da matança, nas bases contemplar-lhes a face entre os raios verticais das baionetas para ver que são apenas homens.

Cada um deles sabe que vai levar a cabeça, o peito, o ventre, o corpo inteiro, todo desabrigado, às espingardas apontadas com antecipação, às granadas, às bombas de mão amontoadas e prontas, e sobre tudo à metódica e quase infálvel metralhadora—a tudo o que espera e se cala pavorosamente lá embaixo—antes de encontrar os outros soldados que será necessário matar. Não desprezam a vida como bandidos, não estão cegos de cólera como selvagens.

Apesar da propaganda que os trabalha, não se acham excitados. Estão acima de todos os arrebentamentos instintivos. Não estão embriagados, nem material, nem moralmente. E' em plena consciência, assim como em plena força e em plena saúde, que ali se agrupam para crianças e outra para adultos. São iluminadas a electricidade e munidas de uma escola (é necessário notar que em nenhum país o cinema aplicado a escola atingiu o grau de desenvolvimento que se vê na Rússia, mesmo sob o regime antigo) e uma rica biblioteca onde se encontram obras de Tolstoi e de todos os clássicos.

As greves

Na Póvoa de Varzim

No dia 10 do corrente reuniu na Ca-

sa Sindical a comissão de melhoramen-

tos da classe de alfaiate da Póvoa de

Varzim, para apreciar as respostas ao

pedido de aumento de salário feito pe-

lo da talude apoiadura para secre-

taria e sobre o assunto.

Dirigindo-se, porém, a comissão à

alfaiataria Ferreira &amp; Filho, com esse

intuito, muito a surpreendeu esta res-

posta do sr. Antero Ferreira, sócio da

referida firma: — Nós não assinamos,

nem queremos assinar nenhum!, depois

de ter conseguido que um nosso cam-

rade fôsse amarelo e traidor!

Ora é preciso que todos saibam que

o nosso querido camarada Antero Ferreira

se diz bolchevista e aparece nas

manifestações operárias de importância

para meter figura e pregar moralidade,

que ele é o primeiro a não cumprir,

quando lhe diz respeito!

E' preciso, muito preciso, que todos

os camaradas conheçam estes seus ca-

maradas, estes sinceros e autênticos bol-

chevistas (de bariga) e estes pugnado-

res do ideal libertador, que dizem ser

isto tudo para mais facilmente e mais

miseravelmente espalharem e atraírem

os pobres que lhes caem nas unhas adun-

cas e exploradoras do seu suor!

Trânsfiguras devem ser repeli-

dos do nosso meio, escorregados e re-

pudiados, com o labeu ignominioso e

infame de: — Traidor!

É preciso que se definam os cam-

pos.

Não pode durar mais tempo tanta

torpeza, tanta vilania e tanta traição!

Marítimos de Alcochete

Ficou ontem resolvida a greve dos

marítimos desta localidade com honra

para os grevistas. A resolução da greve

foi devida à intervenção do delegado

da Federação Marítima, motivo porque

a classe está pernadas, ficando resolvida

dar a sua adesão à mesma federação.

O delegado da Federação

deu várias explicações sobre a organi-

zação dos trabalhadores, ficando os as-

sistentes na disposição de no futuro não

fazerem qualquer movimento sem que

a Federação tenha prévio conhecimento.

Mais ficou resolvido que a classe faça

a máxima propaganda de A Batalha.

No final da sessão foram levantados

vivas a este jornal e à Federação Marítima.

Teatro Nacional

Foi elevada a 280.000 a cota mensal de

líquidos da parte inteira a que se refere

o decreto que modificou o regime do

funcionamento da Sociedade Artística

do Teatro Nacional Almeida Garrett,

Conselhos de operários na Áustria

Com este título acaba de publicar o

jornal inglês *Socialist* um interessante

artigo assinado por Otto Maschl, do

qual vamos transcrever aqui as passa-

gens mais importantes:

— Interrompido pelos nossos sociais-

-patriotas, ainda antes de ter varrido

todo quanto entre os nossos

aumentos de salário, os Conselhos de op-

erários, as organizações fundamen-

tais da sociedade do futuro. Orgãos es-

specíficos para a expressão do poder

dos operários, passando para

a Carta da Mulher em 13 artigos.

Entre outras coisas, pede-se que a

homem na administração da indús-

tria. O Congresso pede a maior protec-

ção para a maternidade, e uma melhoria

das leis relativas ao matrimônio.

Pede também que a regulamentação

do trabalho da mulher se não faça con-

tra os seus desejos.

O Congresso emite a opinião de que

a protecção concedida às mulheres que

acabam de ser mães, não seja com

tâcuas à sua situação económica. Tam-

bém diz que se compõe um código

para a repressão do vício que afecta os

homens e as mulheres. — R.

Na China já houve deputadas

PARIS, 15.—O Oriente e o Extremo-

Oriente enviaram delegadas ao Con-

gresso Internacional feminista que se

realizou em Genebra o Con-

gresso feminista

GENEBRA, 15.—O Congresso feminista

realizado em Genebra compôs a

Carta da Mulher em 13 artigos.

Entre outras coisas, pede-se que a

homem na administração da indús-

tria. O Congresso pede a maior protec-

ção para a maternidade, e uma melhoria

das leis relativas ao matrimônio.

Pede também que a regulamentação

do trabalho da mulher se não faça con-

tra os seus desejos.

O Congresso emite a opinião de que

a protecção concedida às mulheres que

acabam de ser mães, não seja com

tâcuas à sua situação económica. Tam-

